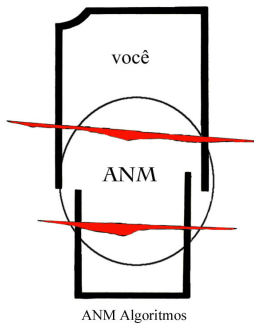


Síndromes e Complexos II



Síndromes e Complexos.
(Parte II)

O ritmo é Teatro e Pintura.

Eu devo acreditar no Bem, mas o Bem tem me passado rasteiras quando as coisas se tornam críticas. O Bem acredita no amor e não permite que amar seja insuficiente. Dever é, das coisas, um bem menor. O mal é coisa nenhuma, mas a maldade está ao alcance de todos. O Bem ainda se cobre de moscas. Eis que vem o horror como um conceito excludente, o horror faz com que o bem e o mal se meçam arvéstas e usos próprios, e o horror se perdura aquele que os faz e estende a si mesmo...

O horror não é imperativo.

Morra em mim.

Veiculado na mídia.

29 de novembro.

Não bastasse o assombro pelo desaparecimento e morte de algumas crianças, somos novamente assombrados ora por um massacre. Na noite de 27 de novembro, atípica e ligeiramente tomada por uma nevasca, no interior de uma taverna nas cercanias solapadas deste vilarejo, a Morte incorporada na sombra de um cavalheiro ceifou a vida de 17 pessoas, sem nenhuma consideração, poupando apenas uma menina e sua irmã de colo e cujos pais foram, junto com os demais presentes, trespassados e cortados por golpes de espada. A menina de até 8 anos de idade, despertou de seu estado mórbido na noite de ontem e balbuciando algumas palavras. O bebê, também menina, não tem do que reclamar. A taverna tornou-se um ponto de parada de viandantes e forasteiros. O estabelecimento servia refeições quentes aos viandantes; jogos e bebidas aos forasteiros. E não por acaso, alguns viandantes se encontravam forasteiros. Apesar da má índole ou índole nenhuma dos forasteiros em nada suaviza o horror; e mesmo os viandantes, na sua maioria famílias e grupos de amigos a passeio que representavam as pessoas de bem, suscitam um mal maior ao massacre. Os corações se fecham e os olhares vagueiam pesarosamente. Apenas nos resta procurar alento nas palavras balbuciadas languidamente pela menina: *Eles não sabem orar.*

As mortas.

Donzela liberal e soberba, encontra-se largada sobre o sofá, com a garganta rasgada e o colo ensangüentado. Adrian encontra-se diante da Cruz e faz cuspir sangue sobre a imagem do Cristo crucificado.

— Viva.

As “em vida”.

Donzela reservada e encantadora encontra-se extasiada sobre o banco da igreja; um dos seios à mostra e com dois filetes de sangue escorrendo pela omoplata; respiração ofegante. A donzela acaricia o seio e o cobre com o de vestir. Os olhos se fecham e exhibe um esboço de sorriso, muito natural.

— Mesmo assim, Z’ scira.

Padre Francis, à mesa, muito concentrado, folheia um livro. Subitamente as páginas são salpicadas de sangue. Assombrado, Padre Francis eleva sua vista e recebe um beijo na testa vindo de Adrian. O beijo deixa vestígios de sangue na testa do padre. Adrian se afasta.

— Não ouço frigar, nem vejo fumaça. Não se faz mais livros sagrados como os de antigamente, padre.

— Não se trata de um livro sagrado, Adrian. Esse livro trata de vampiros.

Padre Francis remove o sangue da testa com um lenço.

— Sempre bondoso, não é, padre? Sempre pensando no seu próximo. Tal leitura lhe abrirá um leque de boas maneiras para conquistar o meu coração.

— Conquistá-lo? É destruí-lo!

— Que coisa feia, padre. Logo vindo do senhor. Eu sou um eterno absolvido bem o sabe.

Padre Francis expira, retratando-se com Adrian, olha para as páginas salpicadas de sangue e invoca o seu sentido olfativo na tentativa de extrair algo do sangue.

— Parece um cachorro de caça, padre.

— Esse sangue é seu?

— Não.

— Ahhhhh!!!!!!!

— Desgraçado soaria a caráter. E nem mesmo isso.
— Enamorado seja! Enamorado seja!
— O quê?
— Demônio!
— Beijos. Faz parte da minha formação. E me faz sentir os doces ares angelicais os meus demônios enamorados arranhando as minhas costas, procurando a minha língua para um beijo através do meu...
— Adrian!!!

O padre atira o livro aos pés de Adrian que o acompanha em queda, com sobras de cavalheirismo canino.

— Desfez mais um casamento?
— Sabe tanto quanto eu, padre, o que Deus uniu o homem não separa.
— Você não é homem!
— Então, acredita que eu sou capaz de desfazer tal aliança?
— Não. E eu nem me atrevo a pensar nesse assunto.
— Carne e sangue se distinguem, Padre Francis?
— Eu não sei.
— Confesso que sim, padre.
— Não me confesse, Adrian. Suas confissões colocam em risco o meu ofício.
— Seu ofício ou a sua alma?
— Ofício.
— Em confissão... Sou apenas um... ..
— Um o quê?
— General.
— Sei e somente sei, Adrian. Apenas um General...hmm... e dos cães.
— Ora os cães! Cães da parte de Deus, padre.
— Apenas prive-me de dizer onde os seus cães foram ordenados.
— ...hmm... No Inferno. Que mal há nisso?

Adrian não consegue conter o riso. Padre Francis coloca-se de pé, desaprovando tal rir a dois.

— Não terá de recuperar mais um... uma... Como eu poderia dizer...
— Alma! Alma! Alma!
— Não ainda, bem o sabe.

Adrian abaixa-se, apanha o livro e lê o título.

— *Sobre demônios e vampiros*. Um título a rever. ... Mas sabe, padre, eu sempre me questioneei a respeito do sono dos servos de Deus. Dorme bem, Padre Francis?

— Como eu poderia dormir bem sabendo que você se encontra sobre a terra.

— Alguma vez dormiu bem?

— Posso dizer que sim. E foi como me deitar.

— Obrigado.

Adrian abre o livro numa página qualquer, exhibe um leve ricto e as páginas abertas começam a ser manchadas de sangue ao leve toque dos seus dedos. Presto, aproxima-se e coloca o livro aberto sobre a mesa.

— Boa noite, Padre Francis.

— Deus tem muito amor e respeito pelos humanos.

— Onde ouviu esta, padre?

— Esta o quê?

— Deus tem muito amor e respeito pelos humanos, mas são humanos.

Uma piada entre imperdoáveis, Padre Francis.

— Pois saiba que o humano sempre acaba vencendo.

— E que história bonita contará a Terra ao mar, padre?

— E é bom dia. O sol está presente lá fora.

— Não para mim.

Adrian retira-se, sorridente. O padre fixa seu olhar sobre a mancha de sangue, tem seu momento de contrição e é interrompido.

— Certa vez eu li ou me foi dito que a primeira santa surgiu de um pedido de desculpa de uma bruxa.

— Eu pensei que você tinha ido embora.

— Voltei. E voltando ao assunto. Qual seria a circunstância, padre?

— Eu não sei.

— Uma provável e muito é encontrarem-se no Inferno aqueles que a condenaram à fogueira.

— Bobagem! Tanto o lido, ouvido e a circunstância. O mais provável é o pedido de desculpa de um mártir para os seus algozes.

— Não é bobagem, padre. E um mártir sempre pede perdão. E quanto aos santos, padre, como surgiu o primeiro? De um pedido de desculpa de um mártir reprendido por Deus?

Padre Francis atarantado se mantém calado.

— É um começo e fica-se sabendo que o dragão tem rabo, chifres e um hálito pavoroso, mas é um dragão.

— Outra piada entre imperdoáveis?

— Não. Uma humana me disse essas palavras. Ela estava procurando se recuperar de uma doença invasiva. Cada dia uma batalha, cada vitória um recomeço. E assim ela se mantém esclarecida. Soaria bárbaro e incivilizado não fizesse ela amor.

Padre Francis alegra-se com a humana em questão.

— A primeira santa não foge a isto, Padre Francis, pedidos de desculpa ou perdão de bruxa ou de meretriz.

O padre se exaspera e levantando-se aponta a porta.

— Deixe esta Casa imediatamente!

— Isto se deu há muito, padre.

Adrian desaparece a grosso modo. Padre Francis larga-se sobre o assento da cadeira, demonstra-se muito próximo de se render aquilo contra o qual tem combatido. A mancha de sangue volta a tomar toda a atenção do padre, os dedos crispam-se no sentido de tocar o sangue. Padre Francis é interrompido pelos gritos da donzela reservada e encantadora a chamar pelo nome de ofício. O livro é fechado e colocado no interior da gaveta, ao fundo. A donzela reservada adentra a sala de leitura e junto a cadeira, ela ajoelhada e esbaforida meio que excitada, beija a mão do padre.

— Padre! Padre! Padre!

— Acalme-se, minha filha. E...

— Padre, um anjo me tocou. Bem aqui!

A donzela exhibe as duas superficiais perfurações no colo.

— Não se trata de anjo, minha filha.

— Foi sim, padre!

— Creia-me. Não foi um anjo.

— Foi sim, padre. Veja!

O padre detém a donzela que vai além de mostrar as superficiais perfurações.

— Comporte-se! Respeite essa Casa que a acolhe.

— Desculpa, padre. Mil perdões. É a excitação de me encontrar com um anjo.

O padre se exaspera e levanta-se.

— Esqueça essa estória de anjo de uma vez por todas.

— Não posso, padre! Cobria-se de uma névoa azul e refrescante.

— Azul e refrescante!

— E tinha os olhos brilhantes como estrelas.

— Brilhantes?!

— E tinha o cheiro do mar exalado pelas flores milenares retratadas pelos pintores suicidas.

— Doida!

— É. E quando ele veio me falar ao ouvido seus dedos me tocaram e então ele se foi.

— Uma sombra envolta por sombras frias, muito frias; de olhos vermelhos e penetrantes, muito penetrantes e cheirando a Morte no estrus; isto sim é o que se foi ao tentar maculá-la. E espero que tenha ido para todo o sempre.

— Que coisa horrível, padre! Logo vindo do senhor. Eu sou apenas uma donzela eternamente em chamas bem o sabe.

Padre Francis percebe a manifestação de Adrian influenciando o comportamento da donzela.

— Imoral!!! Imoral!!!

— Creio não podermos continuar a nossa conversa em tom amigável, padre.

— Amigável?!

— ..hmm...

A donzela procura se retirar, mas é detida pelo padre. Padre Francis a faz se sentar na única cadeira da sala de leitura, além de uma banqueteta.

— Espere, minha filha. Deixe-me por algo sobre essas marcas de dedos.

— Não!

O padre torna-se ríspido.

— Não seja estúpida!

— Não fale assim comigo, padre!

O padre se retrata suspirando e gesticulando muito.

- Ouça, minha filha. Você sabe onde está?
- No interior da igreja.
- Já esteve aqui antes?
- Não que eu me lembre.
- E como você chegou até aqui?
- Correndo feito uma louca.
- Por que você foi tocada, minha filha?
- Eu não sei.
- Espera que eu diga a você?
- Oh! Sim. Oh! Sim, padre.

Padre Francis caminha pelo recinto, procurando uma resposta digna para persuadir a donzela a deixá-lo limpar as superficiais perfurações.

- Você estava de pé quando foi tocada?
- Não. Uma sensação boa fez com que eu me deitasse.
- Por que o anjo a faria se deitar para tocá-la?
- Para eu não cair no chão. O toque de um anjo é cheio de graças.
- Quem lhe disse isso?
- São anjos, não são?!
- E o que as graças podem nos fazer?
- Sorrir. Chorar. Mas sempre no sentido de nos fazer bem.
- Certamente. E nos fazer bem significa vir em nosso auxílio. E no que isto poderia auxiliá-la?
- Eu não sei, padre. Tenho me sentido tão triste e só.
- Tormentos do coração. E precisamente sobre o coração se diz ter sido tocada.

A donzela se encanta e fita, admirada, as superficiais perfurações. Padre Francis dirige-se à mesa e abre a gaveta, um pequeno frasco é apanhado. A seguir Padre Francis exhibe o frasco e um lenço, cada qual em u'a mão, para a donzela.

- O que é isso?
- Um lenço.
- E para que serve?
- Assoar o nariz, enxugar as mãos, fazer galanteios. O padre não está quer...
- Não!!! ...Imoral, General. — para si.
- Como? Eu não ouvi.
- E de forma carinhosa, para que serve um lenço?
- Enxugar os olhos que não sejam os do dono do lenço.

— Presto! Perfeito. Pois eu lhe garanto que esse toque foi feito não pelos dedos, mas por suas duas lágrimas. Suas únicas lágrimas.

— Únicas?

— Por certo. E ele as fez cair sobre o seu coração.

— Que lindo.

— Acha lindo e certo deixar um anjo sem lágrimas?

— É lindo e triste, mas não é certo. O que se pode fazer, Padre Francis? Sinto-me docemente culpada.

O padre agita o pequeno frasco.

— O que é isso, padre?

— Água abençoada e com essa água nós devolveremos as lágrimas ao anjo.

Padre Francis embebe o lenço com a água abençoada. A donzela rende-se, exibindo as superficiais perfurações.

— A água levará as lágrimas até as nuvens.

A donzela sorri, mas ao toque da água ela começa a tossir.

— O que foi, minha filha?

— Está cheirando a alho.

— Não lhe apetece o cheiro do alho?

— Nem o cheiro e nem o alho. Bem o sabe, padre, dos jantares promovidos por vovó que desde pequena eu não me dou bem com alho.

— Pronto. Deus a abençoe, minha filha.

— Devo ir, padre, esse cheiro está me sufocando.

— Isso é bom. As lágrimas estão se elevando. E antes que se vá... Pelo pouco que eu sei... Não deveria, mas já está na idade de namorar e ser namorada...

— Bem mais do que isso.

— Posso?

Padre Francis esfrega o lenço com mais força sobre as superficiais perfurações.

— E com certeza, já deve ter sido cortejada pelos rapazes. Estou certo?

— Oh! Sim, padre. Namorar é bom demais. Eu tenho sonhado com o namoro, com o noivado e me deliciado com as noites de núpcias.

— O casamento, você quer dizer?

— Casamento?

— Posso?

— Para com isso, padre. Os filhos me fazem pensar no casamento. Você não se casa e pronto. É um lar, uma família, um casamento a se renovar a cada dia com as graças de Deus.

— Isto muito me conforta, minha filha. E pelo jeito você já se interessou por um desses rapazes?

— Oh! Sim, padre. Oh! Sim.

— E esse rapaz é capaz de fazê-la esquecer do anjo?

— Oh! Sim, padre. E o senhor o conhece e ele também freqüenta as suas missas.

— Se eu o conheço e freqüenta a igreja, então, ele deve ser um bom rapaz.

— É maravilhoso, padre.

— Tem a minha benção com esse rapaz, minha filha.

— Oh! Padre. Não sabe o quanto essa benção me deixa feliz.

A donzela deixa a cadeira, lançando-se contra o corpo de Padre Francis, abraçando-o.

— Sabe, Padre Francis, eu orei muito para que isso acontecesse. E agradecerei a graça recebida com muitas preces, até os meus joelhos sangrarem.

— Não é preciso tanto, minha filha.

— Sabe, padre, o senhor poderia dizer a ele sobre a nossa benção e levá-lo para jantar na casa da minha avó amanhã.

— Oh! Sim. A sua avó tem uma ótima cozinheira. Pode contar comigo, minha filha.

A donzela feliz com a vida beija o semblante de Padre Francis e sai às carreiras.

— Espere! Como se chama a família desse rapaz? A quem eu devo fazer tal convite?

— Adrian!!!

A donzela perde-se, grosso modo, pelos corredores da igreja.

— Z'scira! Volte aqui! Z'scira!!!

Padre Francis larga-se sobre o assento da cadeira, e antes que se deixasse de afligir, percebe o lenço com uma delicada descoloração do vermelho, uma mancha palidamente casta. O conteúdo do frasco é bebido, toscamente.

Eufórica, Z'scira lança-se de encontro aos convidados para o jantar e desapaonta-se ao encontrar Padre Francis e um rapaz de sorriso nervoso. Quando do momento de ser cumprimentada, Z'scira mostra-se ríspida apenas com o Padre Francis.

— E quanto àquela benção, padre?

— Deixe-me apresenta-la a Winston. Eu o conheço, frequenta a igreja e é um bom rapaz.

— Seja bem-vindo, Winston. Já nos vimos em algum lugar?

— E desde então não me foi possível esquece-la. É muito bonita, senhorita Z'scira.

— Obrigada. Com licença, Winston. Venha comigo, padre.

Z'scira puxa o Padre Francis pela mão para um lugar mais apropriado para uma conversa a dois.

— Onde está Adrian, Padre Francis?

— Esqueça-o, minha filha.

— Como?

— Eu quero dizer que ele tem um temperamento difícil.

— O meu também está se tornando difícil. Ele se recusou a vir?

— Não foi bem assim.

— Falou com ele? Convidou-o?

— Não, minha filha.

— Por que, padre? Por quê?

— Ouça-me, minha filha. Eu sei o que eu estou falando. Esqueça Adrian. É um cavalheiro e tanto, mas aos olhos de Deus Adrian não é o que é e é sendo o que é. Compreende isso?

— Sinto que o amo. Sinto que não amarei a mais ninguém.

— É muito jovem para dizer isso, minha filha.

— Não. Se não o trouxer até a mim, basta, eu irei ao encontro dele.

— Está decidida a fazer isso?

— Sim.

— E se seus anseios não forem correspondidos, minha filha?

— Ainda me restará Deus.

Padre Francis se encanta com a donzela.

— Eu direi quando.

— É pecado amar, padre?

— Não.

— Então, por que me penitencia, padre?

- Não é penitência.
- É sim! E sem razão nenhuma.
- As razões são muitas. Tenha paciência, minha filha.
- Eu morro. Eu morro, padre. E chame-me pelo meu nome.
- Eu sei, Z' scira.

A donzela se alegra. O padre procura se corrigir.

- Sei o que eu estou fazendo.
- Está se contradizendo.
- Não seja leviana.
- Traga-o amanhã.
- Outro jantar? Impossível.
- Sabe muito bem que vo vô se alegra com no vas vozes.
- Não fica bem.
- Convide-o para tomar o chá da tarde.
- Adrian não frequenta recintos abertos senão à noite.
- Por quê?
- Ele... ele... Ele nesse período se dedica aos estudos de antigas escrituras.
- Nada mais agradável do que falar sobre livros tomando chá. E vo vô se engraça ao ouvir estórias.
- Adrian não toma chá.
- Serviremos café! Vinho! Champanhe! O que for pertinente aos seus lábios e paladar.
- Não me convencerá do contrário, Z' scira.
- Não gosta dele, Padre Francis?
- Não é o caso.
- Eu não sirvo para ele?
- Muito pelo contrário.
- Então, o que é, Padre Francis?
- ...Eu... Vamos nos juntar aos demais convidados, Z' scira.
- ...hmm... Quem sabe poderá convidá-lo para compensar o fracasso do jantar dessa noite.
- Prometa-me que não fará nada a esse respeito. Por sua avó eu lhe peço. Por favor, Z' scira.
- ...
- Prometa-me, minha filha.
- Como quiser. Eu nada farei. Não tardarei em ver Adrian na alta missa. E será vê-lo apenas, pois eu não ousaria falar com ele me sentindo toda inchada de sono. Creio que é o único padre que ministra uma missa antes do sol raiar.

— Tanto melhor. Vamos voltar para junto dos demais. Eles já devem estar comentando a nossa ausência. Vamos.

— Vá, padre. Eu irei logo depois. Antes eu tenho de fazer uma coisa.

— Z' scira, se não me disser do que se trata eu não a deixarei dar um passo sequer.

— Eu vou até a cozinha... Cuspir no que será servido à mesa. E tome isso como uma confissão.

A donzela sorridente toma o rumo da cozinha. O padre reprovador dirige-se para junto dos demais.

Padre Francis e Adrian adentram um jazigo. Padre Francis faz o sinal da Cruz e respira fundo; mostrando-se tenso. Dirigem-se para o esquife da donzela recentemente falecida. Depois de abrirem o esquife, a donzela é retirada e tem suas mãos e pés amarrados. Adrian se encarrega de amarrar, às costas, as mãos pelos pulsos; Padre Francis de amarrar os pés pelas canelas. A donzela é devolvida para o interior do esquife. Adrian enrola a mão direita com uma tira de couro e amarra as pontas da tira com a ajuda dos dentes. O padre mune-se de estaca e martelo. Adrian traz à vista a espada embainhada.

— Inferno, padre.

— Céus, Adrian. Da minha boca ouvirá apenas Céus. É possível ouvir Céus da sua boca?

— Numa próxima, padre.

— Pode parar com isso, Adrian? Quero dizer... de desgraça-las?

— Com certeza. E não seria bem desgraça-las, padre.

— E por que não pára?

— Numa próxima, padre. Ela vem vindo.

— Somente a Deus cabe tirar vidas.

— E eu tenho tirado vidas, padre?

— Tem contribuído muito, com certeza.

— Não tanto quanto o ato carnal entre cônjuges.

— Não é verdade! O nascimento é uma benção.

— Conto com isso, padre.

A donzela arregala os olhos, instantaneamente intumescendo-se de maldade. Adrian fecha sua mão fazendo pingar sangue da tira de couro, a donzela começa a se debater e exibindo seus dentes caninos aguçados. Adrian aproxima sua mão e recebe uma mordida fazendo-o crisar os dedos, e a mordida progride para uma abocanhada. A espada é desembainhada.

— Agora, padre!

O padre finca a estaca na região do coração da donzela. Adrian pressiona os dedos alçando a donzela, movido por um sussurro rancoroso fugindo aos dentes cerrados. A espada obra a decapitação da donzela. Adrian larga a cabeça no interior do esquite.

— Tome novo fôlego, padre.

Adrian faz despír a donzela, limpa-la, faz suturar a cabeça ao pescoço e vesti-la com um hábito branco.

— Canonização, caninização, ao menos, mantém sob controle, Adrian.
— Apenas a minha parte, padre.

Padre Francis e Adrian adentram a sala da casa da avó de Z' scira. Logo a entrada de ambos, a avó sentada se expressa em voz alta.

— Por favor, não fechem as janelas. Esta brisa me faz muito bem. É uma companhia antiga minha. Z' scira não deixem que fechem as janelas.
— Sim, vovó.

Os presentes notam que as janelas estão fechadas. Z' scira lança-se de encontro a Adrian.

— Minha avó é cega, Adrian.
— Padre Francis falou-me a respeito de sua avó, senhorita.
— E você é meu...
— Z' scira!!! Deixe-me apresenta-la a Adrian. Adrian, Z' scira. Z' scira,

Adrian.

— Eu aceito.
— É uma graça, senhorita.
— Como eu lhe disse Adrian é muito atarefado com...
— Deixe disso, padre. Eu sinto que o conheço há muito tempo.
— Há muito tempo, Z' scira?
— A minha vida toda.
— Z' scira, Adrian, vam os nos apresentar aos demais convidados.

Após o jantar animado, os convivas voltam a ocupar a sala para conversar e ouvir música. Uma convidada senta-se ao piano e traduz em melodia algumas partituras. Adrian senta-se entre Z' scira e a avó. E vendo o entusiasmo da avó pela música, expressa-se a ela.

— Sempre foi cega, madame?

A avó não consegue conter as lágrimas, exibindo um semblante agraciado pelas trevas.

— Sempre. Exceto para o amor e a vida. Eu me vi chorando para nunca mais, caí num sono profundo, e despertei extasiada, mas não para as luzes. Ao longo, as luzes fizeram despertar em mim. ... Esse trecho é lindíssimo. Ouça.

A avó, com um belo esboço de sorriso, toma as mãos de Adrian. Z'scira toma a mão de Padre Francis e a beija, emocionada.

Padre Francis e Adrian fazem outra visita a um jazigo. Aproximam-se e abrem o esquife.

— Ela é bem grande.

Adrian acha graça da forma como o padre se expressa.

— Quero dizer...

— Não diga, padre. Ela é proporcional em tamanho, um corpo homogêneo. Seus dotes femininos tais coxas, nádegas, ancas, seios, colo, ombros, lábios e pescoço são proporcionais à estatura dela. Ela não tem seios pequenos e coxas grossas, ou quadris largos e colo estreito; sob as vestes de camponesa encontra-se um belíssimo corpo, na medida que envelhece se contrai e não se avoluma.

Adrian rasga as vestes da jovem camponesa, exibindo os seus dotes femininos, fazendo correr os dedos de uma das mãos sobre tais dotes, apurando-os dos pés ao sexo, do sexo aos lábios, dos lábios a frente.

— Pare, Adrian! O que você está fazendo? O que uma camponesa faz dentro de um esquife?

— Ela me seguiu até aqui e eu a deixei ficar.

— Como assim ela o seguiu?

— Eu dava dois passos e ela um passo e meio. Eu parava e ela dava meio passo. Eu retomava os passos e ela meio e dois passos e meio.

— Não foi esse o sentido da minha pergunta.

— Faz sentido, padre.

— Não! Você age de caso pensado e isso é sedução. Facilmente os seduz, sabe das necessidades da carne e do vigor do espírito. Encanta as mulheres e persuade os homens, depois procura sensibiliza-los. E sensibilizar seres passionais é o mesmo que embrutecê-los. E mesmo torna-los melancólicos.

— Por certo. Ela vem vindo, padre.

— Vindo?

- Como das outras vezes.
- Mas sequer amarramos as mãos dela.
- Se agir rapidamente, padre, talvez alcance o seu propósito.
- Louco!

Padre Francis se abaixa para pegar as cordas dentro da maleta. E ao se levantar depara-se com o tronco da camponesa projetado para frente, exibindo um esgar pavoroso.

- Tarde demais, padre.

A camponesa com um golpe de braço joga o padre contra o chão. Súbito, ela está caminhando lentamente na direção dele.

- Adrian!
- Não se mexa, padre. Ela quer apenas beijá-lo. E se o seu beijo não for convincente, ela irá arrancar a sua língua.
- Destrua-a, Adrian!
- Provação, padre! Faça-a enamorar-se.
- O quê?!
- Provar da própria inocência suas ingenuidades. O carinho está todo nos seus olhos, padre. Ela não diz respeito a minha parte, não ainda.

A camponesa se aproxima, Padre Francis atira as cordas, sem muito sucesso. Ele é seguro pelas vestes, chacoalhado e lançado contra a parede. Adrian corre em auxílio ao padre.

“Resgate, A 'Ka!”

A camponesa volta toda sua atenção às suas costas. Padre Francis passa a assistir um confronto onde Adrian procura apenas imobilizar a camponesa, sem causar danos ao belíssimo corpo. Ela se desvencilha, emite sons guturais pavorosos e procura acabar com Adrian, mordendo-o em qualquer parte. Adrian vai para cima da camponesa, caindo sobre ela de pernas abertas, contra o chão. As mãos são forçadas a ficar coladas ao corpo, mas a proximidade dos corpos permite a camponesa aplicar uma bela mordida entre o pescoço e a omoplata de Adrian e sugar-lhe o sangue.

- A corda, padre, use-a como mordaca. Depressa! Mas sem feri-la, padre.

Num átimo, Padre Francis força a corda sem muita objetividade devido ao seu estado de tensão e em consideração ao pedido de Adrian.

— Eu não consigo! A desgraçada não desgruda da sua carne.
— Desembainhe a minha espada e corte a garganta dela.
— Fazer o quê?
— Corte a garganta dela! Mas não um corte muito profundo!
— Adrian!!!
— Depressa, Padre Francis. As minhas forças já estão minguando. E ela já está morta!

— Eu não consigo.
— Desembainhe a espada e faça!

Padre Francis busca forças numa dura prece dirigida aos Céus. Presto, o corte é realizado. Padre Francis afasta-se, ajoelha-se e começa a vomitar. Adrian sente o corpo da camponesa se esmorecer, os dentes se desprendem da carne, a cabeça é jogada para trás e a boca mantida semi-aberta. Ele coloca-se de pé. A espada é embainhada. O belíssimo corpo é colocado no interior do esquite.

— Beije-me.

O pedido da camponesa é atendido, e fomenta-se um longo beijo. Ao final, Adrian curva-se ao lado do esquite e regurgita um pouco de sangue. O semblante demonstra certo cansaço.

— Como se sente, padre?
— Você não fez aquilo, não é mesmo?
— Aquilo o quê?
— Arrancar a língua dela?
— Não. Eu sou graduado. E também não sou da parte de Deus. Soamente seria necessário se ela tivesse sido enviada a Deus devido ao corte na garganta. E seria você, Padre Francis, obrigatoriamente a arrancar a língua dela com um beijo.
— Esse dia nunca chegará.
— Por certo. Passe-me a água e os panos. E beba um pouco dessa água também.

A água e os panos devolvem o brilho a lâmina da espada. Enquanto Padre Francis se atém a sua bebericagem, Adrian dá fim ao resgate.

— Nós temos as luzes do Inferno, padre.

A camponesa ainda reage a estaca fincada no coração. E acontece de ser limpa, suturada, vestida e beijada nos lábios.

— Adrian, você faz com que Satan seja visto um anjo.

— E é, padre. Tem asas como ninguém. Olhe para ela, Padre Francis, nada pior do que dizer respeito a minha parte.

— Apesar de tudo, devo confessar que ela está linda. O que aconteceu aqui? Não foi como das outras vezes.

— Seu primeiro resgate, padre.

— Resgate de quem?

— O que entende por resgate, padre?

— Eu aceitarei o seu entendimento, Adrian.

— Não há a necessidade de se resgatar quem ou o quê do Inferno.

— Por quem ela foi possuída?

— Ela foi invadida, padre. Possessão requer um toque de beleza consciente a revelia das graças promulgadas. A possessão é sob consentimento.

Padre Francis e Adrian deixam o interior do jazigo.

“O livro diz que um vampiro começa a sua autodestruição quando sente o gosto do seu próprio sangue. O que seria autodestruição para Adrian? É muito experiente e terno. Terno? Sua ternura se sustenta, seus horrores praticados não são esquecidos, mas eu não consigo sentir em tais práticas a maldade. E se eu sinto bondade tal bondade surge de mim. É uma tempestade! E se eu construo uma casa para suportar a tempestade e esta casa vem abaixo, o que dizer da tempestade? Eu tive como conselho habituar-me a reerguer a casa conforme a tempestade. Espera-se sempre a pior, daí a casa a ser erguida é a mais simples. Autodestruição em Adrian é farelo. Eu não posso desapontá-lo. Eu não quero de sapontá-lo.”

Nos aposentos de Padre Francis, Adrian senta-se num banquinho, chamando a atenção do padre sentado na cama para uma melíflua lembrança.

— Nesse banquinho a jovem mãe calçava o seu filho.

— Sim?

— Sente-se direito, Adrian.

— Quer que eu tire os meus sapatos?

— Para quê?

— Deu a entender que de seja calçar os meus sapatos.

Padre Francis sente-se bem sorrindo.

— Uma vez calçado, a jovem mãe apertava o nariz do seu filho, davam-se as mãos e iam assistir a missa.

— Eu já tinha lhe contado?

— Não, padre.

— Eu devo ter lhe contado esse fato.

— Não.
— Não vem ao caso. Creio que saiba o motivo dessa nossa conversa?
— Não.
— Tem uma esposa, Adrian. Z'scira!
— Uma esposa como Z'scira é algo para se entristecer, padre?
— Não.
— Então por que esses ares de velório?
— Escute-me, Adrian. Z'scira é uma menina maravilhosa. Você pode rever o seu modo de viver ao lado dela.
— Viver?
— Sabe do que eu estou falando.
— E Z'scira sabe?
— Não.
— Farelo.
— Não. Disse a ela que vocês são casados. Você pertence a ela, ela pertence a você.
— Ela ajoelhou-se e cobriu as suas mãos de beijos.
— Foi. Ela o ama. É um amor tão bonito. Reveja o seu modo de...
— Z'scira soma-se ao meu ser. Adrian é subtraído do ser dela.
— Maravilhoso.
— Obrigado, padre. De mim e de minha linda esposa.

Adrian levanta-se e dirige-se para a porta.

— Ao nde...
— Sem perguntas, padre.
— Adrian! Adrian!!! ...Tinha um motivo quando você foi me procurar pela primeira vez...
— Tinha?
— Tem. E que motivo é esse, Adrian?
— Diz p'ra mim.
— Creio que eu sei.
— Enquanto viver, padre.

Padre Francis deita-se abraçado ao banquinho.

— Conteí a Z'scira a respeito da jovem mãe que calçava o seu filho. Tenho de ter contado. Conteí! Conteí! Conteí!

Pensativo, Padre Francis anda sem destino certo pelas ruas.

“Por que Adrian está... Pareceu-me sempre dentro das suas faculdades. Eu não sei como ele agia antes, mas pelo o que eu o conheço, pelo o que nós convivemos, ele sempre demonstrou ter o controle de tudo. Agora ele parece enlouquecido. Ele deve estar se sentindo enganado. Pudera! Mais de quatro séculos perambulando por aí e se eu sou a sua única companhia, ele deve estar se sentindo sozinho. Não se sente humano. Não é humano. Mas, ele é capaz de amar. Eu tenho o amor de Deus. E quanto a Adrian? Ao longo desses séculos, ele deve ter se admirado por uma tradução feminina, uma boca, um corpo, um colo, um sorriso, os olhos... Com certeza! Adrian é um admirador da Pintura. Quisera eu saber. É mesmo de enlouquecer. O amor. Mas Adrian não é de enlouquecer e se não enlouquece, o mais próximo a isso é perder o controle. É isso! Adrian quer perder o controle. Quisera eu saber como...”

Pensativo, Padre Francis continua andando sem destino certo pelas ruas até que ele é despertado pelos gritos de crianças brincando.

“É isso! Família, esposa e filhos.”

Nos aposentos de Z’scira, Padre Francis senta-se numa banqueta, chamando a atenção da donzela sentada na cama para uma melíflua lembrança.

- Eu quero a minha avó de volta, padre.
- Ela está morta, Z’scira. Foi uma morte tranqüila, sem sofrimento.
- Ela está tão bonita morta.
- Não diga tal coisa, minha filha.
- Eu não sei o que dizer.
- Calada é tudo.
- Adrian...
- É seu marido. São casados.
- Somos casados. Marido e esposa.
- Com certeza.
- E por que os ares de velório?

Padre Francis sorri sentindo-se bem.

- Eu o amo tanto.
- Adrian também a ama tanto, Z’scira. Digo isso por ele.
- Diz palavras por ele.
- Mesmo assim.
- Você o ama tanto assim?
- Com certeza.
- Não mais do que eu.

Padre Francis sorri sentindo-se bem.

- Conversaremos a respeito.
- Por que o ama tanto, Padre Francis?
- É o seu marido.

Z'scira sorri sentindo-se esposa.

- É maravilhoso, Padre Francis.
- São os seus olhos dizendo para mim.

Z'scira observa o padre.

- É engraçado vê-lo sentado aí.
- Por quê?
- Não se lembra? A jovem mãe calçando o seu filho.
- Deite-se, minha filha. Descanse um pouco.
- Minha avó acaba de ser enterrada, padre. Mesmo assim... ela está tão bonita morta.

Padre Francis dissimula uma terna lembrança com um esboço de sorriso.
Z'scira deita-se.

- Ore por mim, padre.
- Não necessita de orações, Z'scira.
- Não?
- Não. É casada.
- Algo terrível aconteceu, padre.
- Não, não. Descanse. São mais de quatro séculos.

Z'scira sorrindo rende-se ao descanso. Padre Francis chora amiúde,
sentindo-se bem.

- Não pode...

“...razia...”

Padre Francis trespassa uma estaca em cada ombro de Adrian.

- Padre.
- ... não.

— Bravo!!!

Convivas aterrorizados. Junto a mesa servida para o jantar, Adrian sorri, bate palmas; a boca coberta de sangue. Um guardanapo é utilizado na remoção do sangue. A cadeira é arrastada, Adrian levanta-se e segurando pelos cabelos uma donzela com a garganta cortada, joga-a sobre a mesa, fazendo-a deslizar até a outra ponta.

— Sirvam-se.

Um rapaz e um homem jazem sentados e com suas cabeças apoiadas sobre a mesa e mesmo uma senhora e todos com as gargantas cortadas.

— Meu Deus !!! É um vampiro! É realmente um vampiro! Finalmente uma prova concreta!

— Adrian!!!

Z'scira corre entre os convivas e é segura pelo conviva ciente dos vampiros.

— Não faça isso, senhorita! Ele é um monstro. Um demônio!

— Não! É Adrian. Adrian!!!

Adrian dá alguns passos na direção dos convivas, Z'scira é contida com maiores esforços.

— Rápido! Uma cruz! Um crucifixo! Padre! Padre!

Adrian tem um momento de tédio, afasta-se e ocupa uma cadeira.

— Que loucura!

— Santo Deus!

— Olhem só aquelas pobres pessoas.

— Quem é você?

— Eu sou médico e pesquisador. E esse monstro — apontando para Adrian — é o assassino procurado pelas mortes bárbaras praticadas contra as mulheres em vários países.

As mulheres presentes se atemorizam, procuram braços para protegê-las. Padre Francis se aproxima e toma Z'scira em seus braços. Z'scira não tenta escapar, abraça-se ao padre e de olhos fixos em Adrian.

— E muito pior do que os assassinatos. Adrian, se esse é o seu nome, é um vampiro. Alimenta-se de sangue! É uma providência divina a sua presença aqui, padre.

— Veremos.

— Vamos acabar logo com isso! — diz Adrian se levantando — Prendam-me!!! — conclui estendendo os braços com as mãos fechadas.

— Não lhe dêem ouvidos! Ele é muito forte. E já está morto! É cheio de artifícios. Não vamos nos arriscar. Ainda falta muito para o sol nascer. O vampiro deve ser destruído próximo ao nascer do sol ou durante o dia. Vamos apenas espanta-lo. Padre, empreste-me a sua cruz!

— Eu não a trago comigo. Não tem a sua própria?

— Eu deixei a minha maleta na hospedaria.

O médico procura nos bolsos e faz uma cruz com as canetas encontradas. Adrian finge ser molestado. Ante essa visão, alguns convivas, na sua maioria mulheres, exibem os seus crucifixos e cruzeiros presos a correntes e colares. Z'scira molha os lábios.

— Qual a sua idade, Adrian? Parece-me dos antigos. Um século? Dois séculos?

— Mais. Devo ter me esquecido o quanto.

— Fascinante! Mais de dois séculos e mostra-se belo e jovial. Monstro!!!

— O que você está dizendo, doutor?

— Isso mesmo, minha jovem. Adrian tem mais de duzentos anos.

— Como?

— Característico do vampiro, não envelhecer. Quando se torna um vampiro, não se envelhece mais.

— Quando se torna um vampiro? E como se torna um?

— Entrando em contato com o sangue de um vampiro ou tendo o sangue sugado diretamente do seu pescoço através dos ferimentos feitos pelos seus dentes pontiagudos. Trocam-se humores com o vampiro.

Adrian faz de conta que se lança na direção do médico, fazendo-o cair contra o assoalho. Z'scira chuta uma das canetas para longe. Adrian cospe um sangue ligeiramente coagulado no assoalho. E afasta-se. O médico se levanta.

— Sirva-se! — propõe Adrian para a jovem curiosa — E seja eternamente bela e jovem. Jamais morrer e aproveitar tudo o que o mundo oferece.

— Não toquem nesse sangue!

A jovem curiosa fita as borras de sangue sobre o assoalho.

— Não, minha jovem! Não compensa. Ele a está enganando. Olhe só para ele, é bom demais para ser verdade.

— O que é bom demais melhor se faz.

— Mas o senhor mesmo disse que ele tem duzentos anos! E é terrível envelhecer.

— E o mundo começa quando você se despe de suas roupas. Tire-as para mim.

— Não dê ouvido a ele! Sim! É verdade, mas envelhecer é saber que cada vez se sabe menos ainda. Será uma eterna ignorante, senhorita.

A donzela não tira os olhos das borras de sangue.

— E o custo é muito alto. A senhorita teria de se alimentar do sangue dos seus semelhantes. Seria capaz de matar para eternamente sustentar um capricho?

A donzela não tira os olhos das borras de sangue.

— E um vampiro dorme durante toda a luz do dia dentro de um caixão em algum buraco sujo, escuro e cercado de ratos e bichos asquerosos que brotam de uma terra podre de cemitério.

A donzela fita o médico com cara de nojo.

— É! Jamais ver a luz do dia e os seus encantos.

— A vida acontece a noite, doutor.

A donzela volta a fitar as borras de sangue. O rapaz que a traz nos braços entra na discussão.

— Que conversa é essa? Nós nos amamos. Eu me caso com você e lhe darei toda a felicidade do mundo, todos os dias, dia e noite. Viajaremos, eu lhe darei uma bela casa, formaremos família, uma porção de filhos que lhe darão uma porção de netos. E ser... mos ... felizes... pa... sempre.

Antes de terminar suas falas, aos gritos a donzela se desvencilha do rapaz e lança-se sobre as borras, caindo de joelhos e lambendo-as. Z' scira esconde o seu semblante contra o peito de Padre Francis. Os convivas se afastam alguns passos. O rapaz tenta ir de encontro à donzela e é seguro pelo médico.

— Afaste-se dela! Agora ela pertence a ele. ... Por que eu não trouxe a minha maleta?!

A donzela arrebenta o colar trazendo a cruz e lança-o longe.

— Por que você odeia tanto a Deus, Adrian?

— É o que lhe parece, Padre Francis?

— É o que certamente me parece.

— Simples e basicamente, Padre Francis, para odiar a Deus faz-se necessário amar a Cristo.

— Deixa estar, Adrian.

A donzela coloca-se de pé.

— Ainda nos veremos, meu amor.

— Não!!! Meu amor! Meu amor!

— Afaste-se dele, sua cadela!

— Não fale assim com ela!

— Escute-me! Ela não é mais o seu amor. Ela o quer apenas para saciar sua sede por sangue. Agora nós devemos destruí-la também, cortando sua cabeça e enfiando uma estaca no seu coração.

A pretendente a vampiro corre assustada para junto de Adrian, abraçando-se a ele.

— Leve-me daqui. Tire-me da presença desses humanos imbecis. Ensina-me a ser como você.

— Importa-se em oficializar o ato.

— Como assim?

— Deixe-me morder o seu pescoço.

A mão é levada ao pescoço, com um pudor afetado. A pretendente a vampiro lança olhares para os convivas e desce a mão rasgando o vestido e colocando à mostra, de forma luxuriosa, os seios. Adrian expõe um ricto atrás de um esboço de sorriso. O pescoço lhe é oferecido. E dentro de um lapso de espaço-tempo, a espada zuniu, subtraindo a cabeça e o corpo acéfalo ainda em queda da pretendente tem o seu coração trespassado pela espada. Os presentes não suportam o horror daquele banho de sangue e se debelam, às carreiras, procurando uma saída qualquer daquele recinto.

— Z'scira!!! Z'scira!!!

— Adr...

— São casados. É o seu marido.

Z'scira sorri para Adrian, estende a mão, e é carregada pelo padre, sem demonstrar nenhuma resistência.

A porta se abre de forma a revelar certas incongruências nas leis naturais observadas pelos homens.

— Creio que, como cavalheiro, tenho de oficializar o ato. Onde ela está, padre?

— Por fim a cerimônia. E por que me pergunta o paradeiro dela?

A porta é batida, interrompendo o olhar do padre.

— Seja... gentil com sua esposa.

A porta abre-se, Z'scira mal acompanha seu olhar sendo tragado para dentro da sombra.

— ...gentil com sua esposa.

Z'scira encontra-se largada, imóvel numa confortável poltrona. A cabeça jogada para trás, a boca semi-aberta em comunhão com o colo, ambos cobertos de sangue. Ela começa a dar sinais de pós-vida com um delicado princípio de tosse, regurgita sangue, enrijece os músculos do pescoço, leva a língua aos lábios e vice-versa, observa suas mãos, toca os lábios, sente o sangue entre os dedos e dirige-se a Adrian.

— De novo — e fecha com um belo sorriso.

Adrian retribui o sorriso. Z'scira levanta-se e corre para os braços de Adrian. Beijam-se, trocam beijos molhados.

— Eu te amo tanto.

Z'scira e Adrian fazem amor e como fazem.

— Sei que eu não sou a primeira. — diz, na cama, abraçada a Adrian — Tenho certeza de que eu não sou a primeira. Eu sinto que você me ama e eu o amo sentindo-me a primeira.

Z'scira faz com que seus olhos encontrem os de Adrian.

— Adoro seus olhos. O que seus olhos me dizem que eu não sei?

Os lábios trocam carinhos.

— Como será daqui para frente?

— Seus olhos meus olhos.

Z'scira sorri.

— Deixará de adorá-los.

Interior de um jazigo. Atendendo um pedido de Adrian, através de um bilhete, Padre Francis comparece ao local para mais uma devolução de alma — segundo o próprio padre e contrariando a opinião de Adrian. Padre Francis está magoado com o fato, tinha para si que Adrian tendo Z'scira por companhia aquela espécie de ritual terminaria. E seria duro com Adrian quando lhe pedisse que acabasse de uma vez por todas com a caninização e as mortes. E para surpresa maior de Padre Francis é Z'scira que está ao lado do caixão e vestida a caráter de Adrian.

— Z'scira!

— Padre Francis! Como é bom vê-lo novamente — saudando o padre com um abraço.

— Onde está Adrian?

— Ele não vem.

— Como ele não vem?! Ele fez isso na sua frente?

— Isto o quê?

— Sugar o sangue dessa pobre alma. Caninização.

— Não, padre. Eu não permitiria. Fiquei furiosa com ele. Ainda mais em se tratando dessa criatura soberba e vulgar. E saber que o meu marido tocou essa mulher e chegando ao ponto de mordê-la, coisa que ele não fez comigo. Ah! Faz o meu sangue ferver. Mas ele me garantiu que tudo se deu dentro do ofício. Era inevitável, precisava fazê-lo para tirar aquele médico chato do nosso caminho. Isso não mais acontecerá, Padre Francis. Eu lhe prometo. Palavra de esposa. Eu ser supremo. Terá de ser uma questão muito delicada e doce para Adrian estar com outra mulher, e será ela mesma sua esposa.

— Orei muito para ouvir essas palavras, Z'scira.

O padre leva a mão ao pescoço de Z'scira, meio que aflito.

— Adrian não a mordeu?

— Deitou-me carinho e mais carinho, padre.

— Ainda não me respondeu, Z'scira. Adrian a mordeu mesmo com carinho?

— É tão bonito ouvi-lo. E a resposta é não, padre.

— Ele lhe disse por quê?

— Não falamos sobre isso. E eu tenho de ser mordida?

— Ama você, Z'scira. Não se deixe levar por conclusões precipitadas desse velho padre baseadas em velhas estórias populares.

— É maravilhoso, Padre Francis — e fecha com um beijo estalado na face do padre.

— Então, Adrian não vem.

— Não. Ele está negociando com o médico bisbilhoteiro, metido a investigador.

— Negociando o quê?

— Resgates — diz e abre um belo sorriso de esposa.

— Como se sente, Z'scira?

— Maravilhosa. E pode me chamar de sua filha.

— Viu? Eu estou sorrindo. E nenhuma alma me faz falta, de fato, alguma.

Padre Francis e Z'scira trocam os mesmos olhares de Eu sou feliz.

— E por falar em alma, padre, Adrian pediu para que fossemos rápido com essa... essa tranqueira. As coisas estão todas aí no chão.

— Ajude-me a remover a tampa do caixão. Vamos acabar logo com isso, minha filha.

A tampa do caixão é removida. Z'scira mostra a língua para o suposto cadáver e eventual tranqueira.

— Por que vocês não voltam para a igreja. O médico bisbilhoteiro não os procuraria lá dentro e eu cuidaria de tudo para vocês.

— Somos casados, padre. E vamos além dos beijos frugais trocados após as cerimônias de casamento.

— Entendo. Mas eu não vejo nenhum problema com a Casa de Deus.

— São os seus olhos, padre.

— Não. São os meus ouvidos que garantem isso. Muito barulho por nada! Não é isso, minha filha?

— ...é.

Esboçam sorrisos pueris. Padre Francis acha graça, tem a impressão de ter Adrian ao seu lado.

— Já fez isso antes?
— Não. Nós não fazemos barulho como bem o disse.
— Eu me referia a... Que pergunta a minha! Precisamos de martelo, estaca e espada.

— Oh!

O padre mune-se de martelo, estaca e espada. A espada ele entrega a Z'scira.

— Eu finco a estaca e você corta a cabeça dela.
— Eu o quê?!
— É melhor você fincar a espada e eu corto a cabeça dela. Adrian se encarrega de cortar a cabeça.

— Isto eu pude acompanhar de perto.

— Você é forte como ele?

— Como assim?

— Deixa estar. Vejamos...

O padre procura outros utensílios dentro da maleta.

— O que vocês costumam conversar?

Z'scira coloca-se à cabeceira do caixão, observando o suposto defunto e eventual corpo.

— Do Inferno eu nada sei e dos Céus ora parece-me estúpido procurar saber. O bem e o mal estão aí para serem desmascarados. Conversamos sobre anatomia e quando não estamos conversando, estamos pondo em prática algumas das teorias de Adrian. Eu o amo tanto.

— Eu sei.

Z'scira move a cabeça do suposto cadáver, procurando marcas de mordida. O padre levanta-se e procura envolver e amarrar a tira de couro na palma da mão.

— Ela não tem marcas de dentes no pescoço, padre?

— Veja os pulsos.

O padre tem dificuldade de amarrar a tira de couro.

— Nada.

— Então, Adrian deu do seu sangue a ela.

— Ele me disse que a tinha mordido.
— Então, ele a mordeu. Adrian deve ter descoberto outro ponto onde o sangue flui em abundância.
— E quais pontos conhece, padre?
— Pescoço e pulso. Provavelmente ele a mordeu apenas para efeito de caninização. Quando você estiver na companhia de Adrian, pergunte a ele. Oh! Inferno!

Padre Francis perde a paciência com a tira de couro. Z'scira sorri.

— Como Adrian faz?
— Usa os dentes.
— Por que não faz o mesmo?
— Eu me sentiria muito próximo a ele.
— E não é?
— Não ainda. E será próximo a mim.
— Deixe-me amarrar, padre.

Z'scira amarra a tira de couro na mão do padre. Amarrada a tira, Padre Francis coloca-se do outro lado da cabeceira do caixão.

— Adrian alguma vez deixou marcas visíveis?
— Não posso lhe garantir.

Padre Francis empunha a espada com a mão da tira de couro e coloca a outra sobre a cabeça do suposto cadáver.

— Oh! Inferno!
— O que houve, padre?
— Por favor, Z'scira, a tira é para ser amarrada nessa mão.
— Tem certeza do que está fazendo, padre?
— Absoluta. Eu tomei parte num número considerável de devoluções de alma e isso me toma apto para essa tarefa.
— Assim seja.

Z'scira sorri. Padre Francis volta a ocupar a sua posição à cabeceira do caixão.

— Agora nós a esperamos despertar. Daí você crava a estaca no coração dela. Aqui nessa região. Então, ela morde a tira de couro, eu a suspenso um pouco e corto a cabeça dela.
— Que horror!

— Não é tarefa fácil, minha filha. Mas a gratificação vem com a destituição de toda corrupção e afetação do mal.

— O que a faz diferente de mim, Padre Francis?

Padre Francis deixa-se olhar para Z'scira.

— Acabarei sabendo — sorri — A propósito, eu preciso de sangue para pôr na tira.

— E...

— Poderia me ceder um pouco do seu sangue?

— Claro.

Z'scira faz um corte no céu da boca com a ponta da estaca, Padre Francis estende a mão e o sangue é colocado com a ajuda da língua.

— Obrigado.

— Por que não se faz a devolução enquanto ela não desperta?

— Terá de perguntar a Adrian.

— Não fica mais difícil com ela oferecendo resistência?

— Não com os pés e as mãos amarrados.

Z'scira volta sua atenção para o suposto cadáver, principalmente para os pés e as mãos.

— Então, é melhor amarra-la, Padre Francis.

Padre Francis observa as mãos e os pés do suposto cadáver, e aflige-se.

— Inferno! Rápido, Z'scira! Pegue as cordas.

E antes que ambos possam fazer qualquer movimento, o suposto cadáver desperta. De dorso ereto e com sangue escorrendo pela boca, faz empurrar Z'scira que se estatela contra o chão. De mãos crispadas e de olhar fixo na tira de couro a morta lança-se sobre Padre Francis que se afasta com rapidez.

— Oh! Céus! De novo não! Z'scira! Z'scira!

Padre Francis corre de um lado para o outro, a irritada Z'scira se levanta.

— Aqui vadia! Ora irá me dizer onde o meu marido a mordeu!

Pan-demônio no interior do jazigo.

Interior da igreja. Adrian aguarda a chegada de Z'scira e Padre Francis, aguardo-os sentado confortavelmente numa poltrona e lendo um livro com muito bom humor. A porta se abre, Z'scira entra e é seguida por Padre Francis, entram de lado, velando suas costas. Ambos estão com as vestes rasgadas e manchadas de sangue. Eles se mantêm junto à porta, Z'scira com as mãos para trás.

- Vejo que a festa foi boa — diz Adrian se acabando em sorrisos.
- Diga a ele, Z'scira.
- Dizer?
- Que amores! E ainda me trazem uma surpresa!

Padre Francis olha para Z'scira com uma expressão de Vá em frente. Z'scira tira as mãos das costas e exhibe a cabeça da anfitriã da festa, olhos arregalados, cabelos desgrenhados manchados de sangue e cortes profundos próximos as orelhas.

— Não se contentando em se divertirem ainda me trazem o melhor da festa. Eu os amo tanto.

Adrian abre os braços, Z'scira joga a cabeça para Padre Francis e corre para o abraço do marido. Adrian recebe Z'scira sem tirar os olhos do padre.

- Por que vocês trouxeram a cabeça?
- Ela pediu para ser beijada — tagarela Z'scira.
- Quem cortou a cabeça dela?
- Padre Francis.
- Para quem foi o pedido de ser beijada?
- Padre Francis.
- Então, sabe o que fazer Padre Francis.
- O que Padre Francis tem de fazer?

Padre Francis encara a cabeça, Adrian cochicha ao ouvido de Z'scira.

— Ele não tem de fazer isso, não é mesmo?
— Tem. Ou Padre Francis e eu temos a mesma opinião a respeito de alma.

Padre Francis encara a cabeça a ser beijada. Os olhares se encontram numa mesma linha.

— Não faça isso, Padre Francis!

Z'scira esconde o semblante contra o peito de Adrian.

— Ele fez aquilo, Adrian?

— Fez, minha linda.

Z'scira volta a olhar para Padre Francis, olha sorridente para Adrian e todos começam a rir.

Nos aposentos do casal, ainda adormecida, Z'scira é entregue a Deus pelas mãos de Padre Francis. Adrian encontra Z'scira, corre os dedos pelo semblante dela, retira a estaca, curva-se e a beija nos lábios e na fronte. Adrian desembainha a espada e segura-a contra o colo de Z'scira e meio que se ajoelha para uma prece.

Padre Francis recebe um bilhete.

“Caro, Francis.

É com pesar que eu lhe comunico a entrega de Z'scira a Deus. Eu já me livrei do autor dessa desgraça. Devido a um sentimento de culpa em razão de tão belo semblante, ou apenas o horror em si do ato, eu tive de finalizar a entrega, decepando a cabeça de Z'scira; como bem o sabe, caro Francis. Sinto-me péssimo. Saio em viagem sem destino e sem data de retorno. Contudo, eu estarei contigo quando precisar de mim, com o bem o sabe. Beijos e abraços.

Adrian.”

Padre Francis se penaliza. Ele realmente sabia o significado daquelas palavras “estarei contigo quando precisar de mim” e se referiam ao seu leito de morte.

... em trevas.

“A maior lição que eu aprendi com Adrian foi a de não dizer o nome de Deus em vão. E essa mesma lição um mandamento. Eu passei por cima de alguns mandamentos. Adrian diz ter passado por cima de todos, exceto um. E é um a mais. Um décimo primeiro mandamento ou lição. Ele não me disse qual era. Creio ter deduzido e ora eu passo por cima deste décimo primeiro. Se Deus teve sua corte, Adrian era o seu bobo. E divertia-se Deus. Pedi a Adrian a minha extrema-unção, é apto a tanto. Deu-me beijo na testa. Absolveu os meus pecados. Deitou a chuva nos

meus lábios, raios e trovões nos meus lânguidos sentidos. Fez-me sorrir. Deitou-me flores. Fez-me sorrir de olhos fechados. Deitou-me flores e mais flores. Velou-me, vieram as borboletas. Sepultou-me, vieram as mariposas. Jamais vi os seus caninos salientes. Diz Adrian serem costados. Caninos costados. Eu não entendi. E poderia ser diferente? Acabarei voltando. Acabarei voltando. Acabo voltando, Adrian e esposa.”

À cabeceira do leito de Padre Francis, Adrian faz um corte na palma da mão utilizando o crucifixo e unge com sangue o lábio inferior de Padre Francis. E se retira.

Adrian adentra uma taverna freqüentada por pessoas de poucos amigos.

— Alguém aqui sabe orar?

Com o silêncio perpetrado, Adrian passa a se dirigir aos presentes, aos berros.

— Alguém aqui sabe orar?! Algum de vocês sabe orar?! ... Há alguma criança nessa taverna? Há?!

— Não! Não, não há, cavalheiro.

— Vocês estão certos disso?

— Não, não há!

— Espere...

— Cale-se, mulher! Não há crianças nessa taverna.

— Eu apenas não posso orar. Ore comigo. Assim seja.

Adrian desembainha as espadas.

— Abençoados sejam. E sejam cães !!!

E fenecem um a um todos os pontos de luz, em borras.

Em mar profundo.

— Faz-se necessário orquestrar algo de bonito para vir a ser um imperdoável. Eu a amo mais do que a Deus.

“Quebrando inconsciência.”